

vontade em si é livre da escravidão e do jugo." É verdade que a razão (*logos*) distingue o homem dos animais que estão, portanto, "marcados para servir", ao passo que o homem é "talhado para o comando";⁴⁴ apesar disso, o órgão que tem capacidade de comando não é a razão, mas a Vontade. Se a filosofia lida com "a arte de se viver a própria vida", e se o seu maior critério é a utilidade, neste âmbito, então, "a filosofia significa muito pouco além do seguinte: procurar saber como é viável exercitar a vontade de obter e a vontade de evitar sem obstáculos."⁴⁵

A primeira coisa que a razão pode ensinar à vontade é a distinção entre as coisas que dependem do homem, aquelas que estão em seu poder (o *eph' hemin* aristotélico) e aquelas que não estão. O poder da vontade reside em sua decisão soberana de interessar-se somente pelas coisas que estão em poder do homem; e estas coisas residem exclusivamente na interioridade humana.⁴⁶ Logo, a primeira decisão da vontade é não querer o que não pode obter e deixar de não querer o que não pode evitar — em suma, não se interessar por qualquer coisa sobre a qual não tenha poder. ("Que importa se o mundo é composto de átomos ou de partes infinitas, ou se é composto de fogo e de terra? Não é suficiente conhecer... os limites entre a vontade de obter e a vontade de evitar... e desconsiderar as coisas que estão além de nós?")⁴⁷ E uma vez que "é impossível que o que acontece viesse a ser diferente do que é",⁴⁸ uma vez que o homem, em outras palavras, não tem absolutamente nenhum poder no mundo real, foram-lhe concedidas as faculdades surpreendentes da razão e da vontade, que lhe permitem reproduzir o exterior — completo, mas destituído de sua realidade — dentro de seu espírito, no qual ele é inegavelmente o senhor e o soberano. Ali ele reina sobre si e sobre os objetos de seu interesse, já que só a vontade pode ser obstáculo para si mesma. Tudo o que parece ser real, o mundo das aparências, precisa na verdade de meu consentimento para poder ser real *para mim*. E tal consentimento não pode ser impingido a mim: se recuso-me a consentir, a realidade do mundo desaparece como se fosse uma mera aparição.

Essa faculdade de afastamento do que é exterior em direção a um interior invencível obviamente requer "treino" (*gymnazein*) e constante discussão, já que não só o homem vive sua vida diária no mundo como ele é, mas também seu eu interior, enquanto vive, localiza-se dentro de algo externo, um corpo que não está em seu poder, mas pertence às "coisas exteriores." A questão constante é se sua vontade é suficientemente forte não simplesmente para desviar sua atenção do exterior, ameaçando as coisas, mas sim para concentrar sua imaginação em "impressões" diferentes na presença real de dor e infortúnio. A recusa do consentimento, ou colocar a realidade entre parênteses, não é de modo algum um exercício de puro pensamento; tem que dar provas de si. "Tenho que morrer. Tenho que ser apri-sionado. Tenho que sofrer um exílio. Mas: tenho que morrer gemendo? Tenho também que me lastimar? Alguém pode impedir-me de ir para o exílio com um sorriso?" O senhor ameaça acorrentar-me: "Que dizes? Acorrentar-me? Vais acorrentar minha perna sim; mas não a minha vontade; não, nem mesmo Zeus pode conquistá-la."⁴⁹

Epiteto dá inúmeros exemplos que não preciso enumerar aqui; constituiriam leitura tediosa, como exercícios em um livro escolar. O desfecho é sempre o mesmo. O que incomoda os homens não é o que realmente acontece a eles, mas seu próprio "julgamento" (*dogma*, no sentido de crença ou opinião): "Serás prejudicado somente quando acares que foste prejudicado. Ninguém pode te prejudicar sem teu consentimento."⁵⁰ "Por exemplo, o que significa ser difamado? Aproxima-te de uma pedra e difama-a; que efeito isso terá?"⁵¹ Seja como uma pedra e serás invulnerável. A *ataraxia*, invulnerabilidade, é tudo o que você precisa para *sentir-se* livre, uma vez que descubra que a própria realidade depende do seu consentimento para ser reconhecida como tal.

Como a maioria dos estóicos, Epiteto reconhecia que a vulnerabilidade do corpo impõe certos limites a essa liberdade interior. Incapazes de negar que não são as simples aspirações ou os desejos que nos impedem de ser livres, mas "os grilhões a nós presos na forma de um corpo",⁵² eles tinham que provar, portanto, que os grilhões não eram indestrutíveis. Uma resposta para a pergunta *O que nos impede de cometer o suicídio?* passa a ser um tópico necessário nos escritos dessa escola. Epiteto, de qualquer forma, parece claramente ter-se dado conta de que esse tipo de liberdade interna ilimitada pressupõe, na verdade, que "é preciso lembrar e fixar a idéia de que *a porta está aberta*."⁵³ Para uma filosofia de total alienação do mundo, há muita verdade na frase extraordinária com que Camus começou seu primeiro livro: "*Il n'y a qu'un problème philosophique vraiment sérieux: c'est le suicide*."⁵⁴

À primeira vista, essa doutrina da invulnerabilidade e da indiferença (*apatheia*) — como se proteger da realidade, como perder sua habilidade de ser por ela afetado, para o bem ou para o mal, na alegria ou na tristeza — parece convidar tão obviamente à refutação que fica quase incompreensível a enorme influência argumentativa e emocional do estoicismo em alguns dos melhores espíritos da humanidade ocidental. Encontramos em Santo Agostinho tal refutação em sua forma mais resumida e plausível. Os estóicos, diz ele, descobriram o truque de como fingir que estão felizes: "Não podendo ter o que quer, o homem quer o que pode ter" ("*Ideo igitur id vult quod potest, quoniam quod vult non potest*").⁵⁵ Além disso, prossegue, os estóicos pressupõem que "todo homem deseja, por natureza, ser feliz", sem contudo acreditar em imortalidade, pelo menos não em ressurreição do corpo, isto é, em uma *vida* futura sem morte, e aí temos uma contradição em termos. Pois "se todo homem deseja de fato ser feliz, deve necessariamente também querer ser imortal... Para que possa viver feliz é preciso antes estar vivo" ("*Cum ergo beati esse omnes homines velint, si vere volunt, profecto et esse immortales volunt... Ut enim homo beate vivat, oportet ut vivat*").⁵⁶ Em outras palavras, os mortais não podem ser felizes, e a insistência dos estóicos no medo da morte como a maior fonte de infelicidade atesta isso; o máximo que podem conseguir é ficar "indiferentes", deixar de ser afetados pela vida ou pela morte.

Essa refutação, entretanto, tão razoável nesse nível de argumentação, deixa escapar alguns pontos importantes. Há, em primeiro lugar, a questão de por que deveria ser necessário um querer com a finalidade de *não* querer; por que não seria